CORREIO POPULAR

Publicado em 25/02/2022 - 05:53

Em campinas, preço dos hortifrútis dobram em apenas um mês

Gilson Rei
reigilson3@gmail.com

Com o mercado influenciado pelo clima atípico e pelos altos custos dos combustíveis e da energia, os alimentos estão cada vez mais caros e os valores dos produtos nas gôndolas e nas feiras não param de crescer. Há vários meses, a carne bovina, o peixe e até mesmo o frango já se tornaram uma raridade na mesa do brasileiro, em virtude dos aumentos exorbitantes dos preços ocorridos no ano passado. Agora, o consumidor está se deparando também com altas nos valores das saladas que chegam a atingir 100% no período de apenas um mês. Dados obtidos no comércio realizado por produtores e distribuidores nos boxes das Centrais de Abastecimento de Campinas (Ceasa-Campinas) nos dias 21 de janeiro e 21 de fevereiro mostram que a salada passou a pesar muito mais no bolso do consumidor quando comparadas as duas datas.

Reajustes são atribuídos ao clima e aumentos de combustíveis e energia

Em apenas um mês, os preços aumentaram 100% em produtos como a cenoura, couve e rúcula. Já o espinafre teve o valor ampliado em 85,71%, seguido pelo preço da alface lisa, que subiu 80%, e pela alface crespa, que registrou alta de 75,2%. Não ficou para trás também o preço do tomate, que aumentou 75%.

O mesmo cenário é constatado no Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontam elevação de preços em todo o País, incluindo: cenoura (49,31%), batata inglesa (20,15%), café moído (2,71%), frutas (1,75%) e carnes (1,11%).

Nas feiras

Em uma das feiras de Campinas, a educadora Edna Orsi disse acreditar que o aumento de preços é muito influenciado pelo clima. "Infelizmente, está mais caro porque o clima deixou parte da produção prejudicada em tamanho e em qualidade. Eles estão trabalhando apenas com aquilo que conseguem colher. A falta de chuva em alguns casos e o excesso de chuva em outros danificam a produção", comentou. "O calor está acima do normal para o ser humano. Imagina isso também para as plantações", destacou.

Também fazendo compras em um feira livre, a psicóloga Eliza Schaer afirmou que o preço acima da média nas saladas e nos alimentos em geral é um reflexo de dois fatores. "Além do clima que está atípico, causado pelo desrespeito ao meio ambiente nas últimas décadas, existe também o fator político e econômico. É uma pena. Não só as verduras têm preço mais alto, mas tudo tem elevação de preço", disse. Segundo Eliza, é um reflexo também da má administração pública. "A energia e o combustível deveriam ser administrados com eficiência pelas autoridades políticas. Isso influencia no preço final. A falta de água, por exemplo, que é decorrente da má administração das autoridades, gera aumento da energia e no custo da produção dos alimentos. Ao mesmo tempo, essas autoridades não reduzem os gastos públicos em publicidade para a eleição. Além do clima atípico, faltam transparência e bom senso do poder público."

Outra consumidora em feira livre de Campinas, Daniela de Luca Meneses Góis, terapeuta do bem-estar, disse que faz compras semanais e percebeu que os aumentos ocorrem com frequência. "O clima está maluco. Chove demais em alguns lugares, ocorre seca em outros e faz muito calor, acima do normal. Isso influencia na produção de alimentos. Além disso, tem aumentos de combustível, água e de energia. Isso acaba refletindo diretamente nos alimentos", reclamou. "É preciso melhorar o cuidado com o meio ambiente e ter também alternativas para combustível e energia", sugeriu.

Fotos: Kamá Ribeiro

Daniela Góis, terapeuta do bem-estar, afirma que os aumentos nos preços das verduras e legumes têm ocorrido com frequência: "é influência do clima, combustível, água e energia"

DEPOIS DAS CARNES

Preços de itens da salada têm alta de 100% em um único mês

Valores da cenoura, couve flor e rúcula dobraram entre 21 de janeiro e 21 de fevereiro

Os valores das alfaces lisa e crespa tiveram altas que variam de 75% a 80% entre janeiro e fevereiro deste ano

Produtos para Salada

Preço médio do kg em R$
(Comparação entre 21 de janeiro de 2022 e 21 de fevereiro de 2022)

Folha, Flor e Haste	
Agrião – 4,38 para 7,50	aumento de 71,23%
Alface crespa – 2,50 para 4,38	aumento de 75,2%
Alface lisa – 2,50 para 4,50	aumento de 80%
Brócolis Ninja Tipo A – 4,65 para 6,06	aumento de 30,32%
Couve – 3,75 para 7,50	aumento de 100%
Espinafre – 3,50 para 6,50	aumento de 85,71%
Rúcula – 5,00 para 10,00	aumento de 100%
Raiz, Bulbo, Tubérculo e Rizoma	
Beterraba extra – 2,75 para 4,00	aumento de 45,45%
Cenoura extra – 3,50 para 7,00	aumento de 100%
Mandioquinha extra – 10,00 para 12,00	aumento de 20%
Fruto	
Abobrinha brasileira extra — 2,78 para 3,61	aumento de 29,85%
Chuchu extra – 3,25 para 3,50	aumento de 7,69%
Pepino caipira extra – 3,00 para 3,50	aumento de 16,66%
Tomate Sweet Grade – 4,00 para 7,00	aumento de 75%

Fonte: Ceasa-Campinas

IBGE mostra altas em janeiro

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, esta semana, alta de 0,99% no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15), considerada a maior variação para os primeiros 20 dias de fevereiro desde 2016. Esse índice avalia os valores da energia, educação, transporte, combustíveis e alimentos, dentre outros itens. Apontado como "prévia" da inflação oficial, o IPCA deste ano já soma 1,58% em 2022 e atingiu a marca de 10,76% em 12 meses.

A grande preocupação é com o preço dos alimentos, que acelerou e ligou um alerta para a inflação de 2022. Com alta de 1,20%, o grupo Alimentação e Bebidas respondeu por 0,25 ponto percentual no resultado geral do período. Vale lembrar que, no ano passado, a inflação acumulada de 10,06% teve como principais vilões os combustíveis e a energia elétrica. O grupo alimentação foi o terceiro colocado, com 7,94%, resultado menor que o do ano de 2020, quando contribuiu com 14,09% do total, o maior impacto entre os segmentos pesquisados.

Avaliação

Segundo os especialistas e economistas do IBGE, os eventos climáticos dos últimos anos devem continuar tendo impacto no preço de alimentos como o feijão, frango e carne bovina em 2022. Somente do começo da pandemia para cá, a soma da inflação já chega aos 21,4% e a tendência para este ano é de que os preços não parem de aumentar.

Esse cenário acontece por conta de diversas circunstâncias, como o aumento da exportação e os eventos climáticos que impactam o País, como fortes tempestades ou meses de seca. O preço do combustível, com base no dólar e no mercado exterior, contribui também para o aumento dos custos até o consumidor final.

Todos os especialistas já apontaram que as questões climáticas causaram prejuízos para a produção agropecuária, principalmente a seca no Sul do País e o excesso de chuvas em partes do Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste. Essas perdas foram responsáveis pelo aumento médio de 12,54% nos preços dos alimentos no Brasil em 2021.

O pior é que o cenário para 2022 não é muito diferente. Estudiosos do clima mostram que os efeitos do fenômeno La Ninã seguirão ocasionando fortes chuvas no Norte e Nordeste do País, e estiagem no Sul. A elevação dos juros — por parte das autoridades — não vai controlar as perdas causadas pela diminuição da oferta e pelo aumento dos valores no mercado.

Agricultores apontam que alguns produtos deverão continuar em falta no mercado e os preços poderão se manter altos nas feiras e nas gôndolas dos supermercados. A escassez de chuva ampliou os custos de produção do setor, que deve repassar os valores para os consumidores nos próximos meses. É o caso das carnes e do frango.

Já o valor do feijão poderá ser afetado pela seca nas lavouras do Paraná e pelo aumento das chuvas que geraram perdas em Minas Gerais e na Bahia. Esses eventos acarretam aumento no valor da saca no atacado, que deve ter reflexos no varejo.

Dieese confirma aumentos

Pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) sobre o comportamento dos produtos da cesta em janeiro deste ano mostra que os preços continuam em elevação neste ano.

O valor do tomate subiu em 14 capitais em janeiro, exceto nas cidades do Sul. As taxas positivas oscilaram entre 2,15%, em Belém, e 47,43%, em Aracaju. No Sul, a variação negativa chegou a -17,26% em Porto Alegre. As altas de preço são reflexo da menor oferta, uma vez que a área plantada de tomate foi reduzida.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Pagina:** 6

Copyright © Clipclap 2025.